



Piscina¹

Luana Chnaiderman**

São Paulo, Brasil

almluana@gmail.com

As cordas esticadas entre os ossos do corpo rangeram ao despertar. Fibras trançadas em nós marinheiros torceram os joelhos os braços e era sempre uma surpresa, a bacia a coluna o pescoço os pés. Um nervo cruzado atravessou a coxa direita e chicoteou o quadril. No escuro, as mãos situam as possibilidades de tempo e espaço: cama, amanhece, as paredes, o lado esquerdo da cama, a cabeça para, a parede, os pés para a porta, o interruptor sobre o ombro, o quarto, armário, cômoda, os remédios sobre a cômoda e o infame que a filha comprou, basta tocar que eu venho, pai, um lado, outro, impulso, o braço sem força, esquerda, direita, cotovelo, apoio, uma perna, outra, e sentou-se para sentir frio, calor, os ossos empilhados sobre o piso cerâmica, que tapetes escorregam, papai, e aos poucos as névoas do sono se dissipam, caçadas de leões e sorvetes, o pé esquerdo dói, o que sonhara mesmo, no final do calcanhar, mas o que tem ali para doer, levantou-se e sentiu a palma do pé em dor, esquerdo, caçava leões na Savana.

Outro dia acordava enlaçado por pernas e braços, agora os músculos eram amarras duras e nodosas a mal segurar os ossos, distância enorme entre os gestos imaginados e os esboçados, o lado direito da cama vazio.

O chinelo, onde estão os chinelos, deveriam ficar ao pé da cama, virados para fora, um ao lado do outro, e era acordar, sentar e, em meio às cavernas dos leões, escorregar os pés, os chinelos, mas nunca acha os chinelos, anda pela casa e os abandona, que tipo de pessoa sempre sabe dos chinelos? Tapete banheiro, a casa em sono lento, polegar e calcanhar à procura do mundo, do caminho até a pia, esquerda, direita, a palma do pé esquerdo, pesado demais, cuidado para não cair, não cair.

No banheiro contou os pingos, um, dois, saudade da época em que mijava na terra e desenhava o nome amado sobre os grãos vermelhos.

A chuva recente emprestava a tudo um ar recém-lavado. Há anos não conhecia mais a sensação antiga do banho, a pele hortelã aberta em poros gotejantes; agora a pele, os cabelos, atrás das orelhas feridas, entre os dedos dos pés, nunca mais ficava limpo e mal sentia os cheiros, saudade da tempestade sobre a terra. Antigamente saía do banho

¹ Publicado originalmente em *Os animais domésticos e outras receitas* (São Paulo: Perspectiva, 2018).

** Mestre em Letras pelo Programa de Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, escritora e professora.



a água quente e fria, a pele nova, riscada inteira com escova de hastes flexíveis minerais transparente. Agora molhava-se, banhava-se e continuava opaco.

No banho as engrenagens esparsas juntam, encontram-se dos pés à cabeça, e que dor no ombro esses chuveiros elétricos sempre sempre sempre um fio de água fria entre os pingos quentes e o sono esvai-se junto ao vapor, leões. Saudades dos banhos de banheira da neta. Limpou-se e a bênção é ainda poder limpar-se sozinho, desconcerto absoluto, alguém a lhe dar banhos.

A toalha, mesmo o gesto mais doméstico, erguer os braços alcançar a toalha, e nunca mais secou entre os dedos, não tinha jeito, a posição, sentado deitado de lado cruzado. Cada vez mais curvo, e as distâncias maiores. Os pés, as costas, o pau, quadris, membros antigos de um clube enferrujado, que ninguém visita mais, que ficou num bairro longe, esquecido e mesmo pegar a toalha sobre o box, a toalha e a mão pesada de chumbo e linfa, mesmo pegar a toalha é um sucesso.

Um dia todos o frequentavam, vinham saber das notícias do mundo, tomar caipirinhas e cervejas e entre abelhas nadavam tomavam sol. Agora, não sabia como era possível entrar na piscina, a escada de metal, uma perna, outra, de costas e o que é uma piscina para meio banho inteiro e a água ficou parada, coberta de musgo e folhas caídas, pela metade, coisa mais abandonada, uma piscina vazia, vamos encher a piscina, minha filha, vamos, pai.

No espelho nuvem, por entre as marcas de dedos de água, um reflexo esmaecido de cabelos finos. A barba colônia e alguns tapas nas bochechas a amarrar os últimos pedaços esparsos do corpo: estava em meio ao deserto africano e, vestido como Hemingway, caçava leões na Savana.

Ontem no médico o corpo nodoso, o constrangimento de pesar-se mal equilibrado na balança e ver-se cada vez mais leve, daqui a pouco desapareço, doutor, ou levanto voo, a tosse e o suspiro auscultados, nunca fumou, nunca fumei, bela expansão peitoral, era nadador, a voz médica, pausada, adocicada pelo cuidado excessivo, perceptível o cuidado, exagero, parabéns, mas o senhor parece um rapaz, está melhor que muito jovem que vem aqui, e o orgulho, lamentável o velho orgulhoso de sua boa forma, elogiada por voz infantil.

Nunca pensou que um dia realmente seria velho, as pessoas a lhe dar lugar no ônibus, metrô, que o corpo reclamaria para si as dificuldades sempre vistas nos outros e sim, como é útil a bengala, a dieta, castanhas para lubrificar os músculos, elásticos esgarçados. Agora contava o tempo em meses, por exemplo, tinha certeza de que não viveria uma dezena de anos e também a certeza de que não morreria no campo de futebol em meio ao jogo, a camisa de goleiro na pele, quando corria, quando nadava até à exaustão em desafio e competição solitária, a cabeça o corpo, um e outro, a cada plegada pelo mar, e hoje tinha certeza de que não morreria cruzando a nado, por exemplo, o Canal da Mancha.



Tossiu, respirou, reteve o fôlego segundo as indicações, a filha na sala de espera, aflita, vou entrar com você, pai, de jeito nenhum, por enquanto ainda não, triste amálgama de linfa e humores, sol sustentado entre pernas intumescidas e eu sei que você também, filha, você também, nunca imaginou. Vamos limpar a piscina.

Ainda gostava de fazer a barba, creme branco sobre o rosto, vapor, o banheiro fechado, a toalha amarrada à cintura e a gilete deslizante, a barba branca, como é dura a curva do maxilar. Voltou ao quarto pingando, pedir demais, a um velho, que seque os dedos a virilha entre a curva a pia a privada o bidê, as marcas dos pés pelo assoalho do quarto. A cueca larga, meias, lamentáveis os pés de velho, e os chinelos já gastos de tanto conforto, como custava enlaçar os fios dos sapatos, o peito nos joelhos à procura do nó, os dedos em laço até que desistiu, primeiro com ódio, o presente da filha, prestativa, papai, chinelos, e sucumbiu e agora era arrastar os pés os dedos sob o conforto macio do couro sem amarras.

Nos olhos do médico viu a doença espalhada, por favor, a minha filha, se não for necessário que ela saiba, não conte. E agora sabia que certamente não estaria vivo em dez anos, nem cinco, não veria a próxima Copa e que se dane, mas o neto, a neta, a formatura da neta, talvez a sorte de um, mais um ano de vida, e quem quer viver mais um ano assim, eu quero. Embora não acredite mais nesses bálsamos remédios tratamentos dietas e infusões de ervas que o senhor me prescreve, doutor. Tome-as Joaquim, e antes, quando era novo e pulava corda, todos o chamavam de Juca. O velho Juca. Agora não o chamam mais de velho. Joaquim.

Os cuidados cada vez maiores, a barba feita, cueca e camiseta já separados, que o ar frio, a corrente, a mudança de temperatura, e quando entrava nas cachoeiras e depois a pele e a briga entre pedras e ossos, e no minério aquecido toda a sabedoria da pedra, o som da água infinita a embalar o sono, os músculos amassados pelo jato de água, o sol, o cansaço da cavalgada sobre as pedras, não sabe mais o que é relaxar, bem que a neta podia dar de presente em vez da meia, gravata, caneta, um cigarro de maconha, mas como pedir sem os ouvidos da mãe?

Outro dia, doutor, resolvi quebrar nozes. Teste exercício para os músculos da mão, a casca madeira empalhada, achar o lugar, o lado outro da casca de noz, e ouve-se a rachadura craqueada, o pó de casca aos pedaços, e dentro vi uma noz ressecada, encolhida em meio ao oco redondo emaranhado e me vi ali, doutor, encolhido entre a casca oca rugosa, bom dia, filha, sim, vamos encher a piscina.

Recebido em: 23/02/2022.

Aprovado em: 23/05/2022.